



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

### **Os Meios de Comunicação na Formação da ‘Antissociedade’ segundo Paul Virilio<sup>1</sup>**

### **The Media in the Formation of anti-society according to Paul Virilio**

Kaíque Agostineti  
Tiago Quiroga

**Palavras-chave:** Paul Virilio; Meios de Comunicação; Antissociedade.

#### **Introdução**

Uma das características marcantes de nossa época – ao menos, desde meados do século XX – é a centralidade do fenômeno da comunicação mediatizada, seja na definição e concretização das macroestruturas políticas, econômicas e sociais, seja no âmbito das microrrelações e microprocessualidades, nas vivências e experiências que constituem o nosso cotidiano. Tal espraiamento do fenômeno comunicacional alcançou tamanhas dimensões que se tornou capaz de constituir uma alteridade temporal. Nesse sentido, podemos dizer que “nossa época se diferencia de qualquer outro período em função da consolidação das supostas infinitas formas de comunicar” (QUIROGA, 2013, p. 67).

Apesar das tensões atuais que surgem em torno do fenômeno migratório, que parecem apontar para o renascimento de um tipo de nacionalismo étnico e xenófobo, em contraposição ao discurso globalista, vivemos e viveremos, talvez, por muito tempo, sob

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

a égide da globalização. Embora tenha se originado a partir da visão quase mística de união dos povos, tal fenômeno tem se mostrado, menos uma aproximação geral para a resolução dos problemas mundiais, do que um regime que versa sobre o campo econômico. Sua característica principal é a dissolução das barreiras protecionistas que antes atravancavam a livre circulação de informação e capital, o que leva à diminuição – e quase desaparecimento – do campo político, onde atuavam os Estados-Nações em favor da criação de uma economia transnacional, calcada na ideologia neoliberal (SODRÉ, 2010).

A dissolução das barreiras protecionistas elimina os espaços rugosos e inacessíveis, criando uma ideia de transparência que se tornará um imperativo no mundo atual (QUIROGA, 2013; BYUNG-CHUL HAN, 2017). A transparência significa o espraiamento de uma rede digital global que permitiria a aceleração dos fluxos informacionais e capitalísticos. Portanto, podemos dizer que o fenômeno da globalização se sustenta a partir de uma infraestrutura comunicacional que extravasa o campo econômico sombrio do mercado financeiro – uma caixa preta inexplicável até mesmo para os especialistas – e adentra às nossas vidas na forma de produtos midiáticos de diversos gêneros, a serem consumidos (QUIROGA, 2013; SODRÉ, 2010).

Por sua força avassaladora inegável, a globalização forçou a entrada da comunicação mediatizada na ordem do pensamento, tomando transversalmente os campos da produção do conhecimento e da crítica cultural que trazem consigo a marca da atualidade.

Entre os diversos pensadores que, a partir de diferentes perspectivas, tomaram como objeto de pensamento as relações entre tais fenômenos, encontramos o ensaísta francês Paul Virilio. Esse autor, que morreu no último dia 10 de setembro de 2018, construiu, ao longo dos seus 42 livros, descrições, análises e sínteses profundamente críticas acerca do fenômeno da comunicação atual e das suas relações com aquilo que ele nomeou como *Globalitarismo* ou *Regime da Paz Total* ou *Guerra Pura* (VIRILIO,



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

1984; 1994; 1996; 1999). Os seus neologismos conceituais são demasiado polémicos e contribuem para uma visão muito difundida entre os leitores de que Virilio seria mais um entre tantos teóricos apocalípticos da tecnologia. Contudo, podemos dizer que esse tom ácido se volta contra um alvo bastante específico: Virilio critica menos as tecnologias e mais as tecnoutopias surgidas nos campos do pensamento que se ancoram na cibernética e no seu pós-humanismo, na esteira dos desenvolvimentos do século XX.

Os seus três principais conceitos, Dromologia, Dromoscopia e Dromocracia gravitam em torno do radical grego *Drómos* (BÖLTING, 1953) que significa marcha ou corrida, remetendo à velocidade. Para Virilio, a velocidade está na base do modo como nós percebemos, compreendemos e organizamos o mundo em que habitamos. Por isso, a aceleração produziria transformações nas condições estéticas, epistemológicas e políticas dos seres humanos. Assim, o autor argumenta que o fundamento da história não seria mais a propriedade dos meios de produção capitalistas, senão a posse dos motores, os meios de transformação de energia em velocidade. Isto é, ele defende a ideia de que a velocidade hierarquiza o poder em nossas sociedades.

Partindo dessas ideias, o satélite se torna um objeto incontornável para a compreensão da atualidade segundo Virilio. Ele é o resultado da fusão dos campos da guerra, do transporte e da comunicação que, ao se colocar nos limites atmosféricos, funda um ponto de vista planetário. Nas palavras do autor: “no passado, a altura da torre indicava a extensão das posses senhoriais, atualmente, a altura do pontos de vista satelitizados indica o imperialismo planetário [...]” (VIRILIO, 1999, p. 09) ou o *Globalitarismo*. Ou seja, o lançamento de objetos que orbitam a Terra tornou possível a consolidação de um Macropoder Sideral que, ao conquistar a totalidade planetária, se voltou para o interior dos territórios, uma *endocolonização* que atinge o nível celular em nome de uma “paz forçada” – uma paz por inanição, que foi posteriormente nomeada como *Guerra Pura* (LOTRINGER; VIRILIO, 1984). O *Regime da Paz Total*, gestada por um imperialismo de cunho planetário, é a extensão e manutenção de um *Estado de*



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

*Sítio* global (VIRILIO, 1996). Isso inverteria a definição clássica de Carl von Clausewitz sobre a guerra. Se para o general prussiano a guerra era a política continuada por outros meios (CLAUSEWITZ, 2007), agora, a política da endocolonização passou a ser a extensão da guerra, produzindo e gestando o conflito no interior das sociedades.

Para Virilio, os meios de comunicação se inscrevem nessa lógica da velocidade que fundamenta uma nova ordem política ou a Dromocracia. Desse modo, o autor parece colocar as seguintes hipóteses: *e se, ao contrário do que geralmente se assume no campo das visões tecnoutopistas, os meios de comunicação participassem de uma ordem ruma, não para o progresso, senão para o fim? E se, ao invés de consolidar uma sociedade pacífica, estivessem eles produzindo uma implosão do social, a formação de uma antissociedade?*

Esse trabalho busca compreender e explicar os percursos argumentativos de Paul Virilio que o levaram à construção dessas provocações. Sendo assim, ele se justifica pela proposição de outra leitura acerca do fenômeno comunicacional, que o alinha ao processo imperativo da aceleração em nossa época. A obra Virilio é, sem dúvida, demasiado impactante, porque visa provocar o acidente na habitualidade, produzir um curto-circuito, que cumpriria o destino de revelar a possibilidade de uma nova visão afastada do tecnolouvor propagandístico. Portanto, ela nos permitiria pensar a partir de outras angulações os fenômenos que caracterizam o tempo atual no qual se insere a comunicação mediatizada.

### **Metodologia**

Essa pesquisa será construída a partir da leitura e análise das obras de Paul Virilio, bem como, de alguns dos seus comentadores que ajudam na tarefa da elucidação de seu pensamento. Utilizaremos um processo de ‘arqueologia textual’ que estamos desenvolvendo no âmbito de nossa pesquisa de doutorado. Ela consiste em uma espécie de ‘escavação’ ou ‘desentulhamento’ dos escombros textuais de Paul Virilio. Dessa



## III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

---

maneira, buscamos encontrar certos aspectos e constructos que permitam a proposição de uma nova leitura para a obra desse autor. No caso específico deste texto, intentamos des(en)cobrir as relações entre os meios de comunicação e a antissociedade que são exploradas pelo autor, principalmente em suas três primeiras obras: *Bunker Archéologie* (1975), *Essai sur L'Insécurité du Territoire* (1976) e *Vitesse et Politique* (1977).

### **Discussões e Resultados Preliminares**

No ponto em que nos encontramos nessa pesquisa, podemos partir de um esclarecimento acerca das ideias de Paul Virilio. Ainda que seus pensamentos possam adquirir proeminência no momento em que a aceleração se torna um acontecimento inegável em nossa época, o que ele define como velocidade não é um fenômeno tipicamente moderno ou contemporâneo – nem mesmo a aceleração. Segundo o autor, a velocidade deve ser assumida como um sinal de vida. Nas suas palavras: “[...] ser vivente – ser vivo – é ser velocidade” (VIRILIO, 1999, p. 183). Logo, o corpo humano que nos constitui enquanto forma de vida é também um veículo que ele define como *veículo metabólico* produtor de uma *velocidade metabólica*. Ela está na base do modo como nós percebíamos, compreendíamos e organizávamos nossos *hábitats*.

Para Virilio, o fenômeno da aceleração se deu com o surgimento de dois arquétipos veiculares: o cavalo e o barco. Esses dois outros tipos de veículos, que excederam a velocidade humana, produziram um rearranjo do espaço e do tempo humanos de modo a produzir transformações na hierarquização social. Segundo Virilio, sem a domesticação do cavalo não poderia ter existido como tal a cavalaria ou o feudalismo; sem os barcos e os navios seria impossível o nascimento do Império Britânico, esse grande império dos mares. Em outras palavras, o autor considera que a aceleração é produtora de uma nova relação do ser humano com o mundo a partir da superação do veículo metabólico. Por essa característica, a aceleração se inscreve no horizonte do poder.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

Na esteira de Sun Tzu, o autor define o poder como um modo de fazer o adversário se submeter à nossa vontade sem necessariamente recorrer à violência corporal (LOTRINGER; VIRILIO, 1984). O poder puro se consolida na manutenção e perpetuação do Estado de Sítio, a colonização do espaço e do tempo humanos, o controle total dos movimentos. Para Virilio, o poder se consolida pelo domínio da velocidade, efetivando uma lógica da corrida em que ser mais rápido não é apenas um modo de superação do adversário, senão um modo de controle do seu movimento submetendo-o ao meu movimento, às minhas vontades. Essa lógica de guerra produz o que ele chamou de Idealidade Morfológica do Estado Ocidental. Ela consiste em uma colonização expansiva do espaço e do tempo humanos que atravessará a história, se atualizando no desenvolvimento dos armamentos, dos motores e dos meios de comunicação, passando pela conquista aérea, alcançando as bordas do espaço com o lançamento dos satélites (VIRILIO, 1999).

O satélite é um objeto importante para Paul Virilio, porque ele emerge como máquina ideal surgida da coalescência dos armamentos, dos veículos e foguetes. Ele permitirá o controle do espaço-tempo por possibilitar a implosão do próprio espaço-tempo. Portanto, o satélite é uma espécie de máquina ideal que permite o aparecimento de um poder autônomo, ubiqüitário e instantâneo que busca controlar cada vez mais os movimentos humanos por meio de uma lógica funcional e sanitário, por meio de uma administração do medo (VIRILIO, 1999).

No pensamento de Paul Virilio, esse panorama macropolítico se espraia e se efetiva nas microrrelações e nas experiências cotidianas. A implosão do espaço-tempo infunde um medo nos seres humanos por causa da consolidação de uma ideia de ameaça constante e repentina. O autor enxerga nesse processo uma administração do/pelo medo que busca produzir uma espécie de fragmentação social que leva à submissão, à autoexploração humana. Os meios de comunicação participam dessa implosão do espaço-tempo, que provoca o terror, levando a um controle cada vez maior dos seres



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

---

humanos por essa esfera autônoma de poder. Por meio de difusão dessa doutrina do medo, os meios de comunicação atuam na implosão do social, no desaparecimento do homem objetivo, na ampliação de uma desconfiança generalizada, na perpetuação de uma guerra civil, na formação do que Virilio define como uma antissociedade...

### **Considerações Finais**

Esse trabalho visa compreender e sintetizar os percursos argumentativos que levaram Paul Virilio a pensar uma relação entre os meios de comunicação e a formação de uma antissociedade. No artigo, buscaremos aprofundar e explicar melhor essas análises e conceitos, bem como, explicitar e analisar os casos que sustentam os pensamentos do autor. Para Virilio, a doutrina do medo foi difundida pela Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial com o objetivo de levar os povos dominados a temerem mais do que ansiarem a libertação. O *Reich* criou a *Delação Massiva* que transformou todos os civis em paramilitares, inaugurando assim um regime de desconfiança generalizada, posteriormente, prolongado no período da *Paz Total*. A doutrina do medo produz assim a implosão do social, levando à formação dos tipos antissociais, seres promotores de uma *guerra civil* permanente e inescapável. Corpo do texto.

### **Referências bibliográficas**

BÖLTING, Rudolf. Dicionário Grego-Português. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1953.

BYUNG-CHUL HAN. Sociedade da Transparência. Petrópolis: Vozes, 2017.

CLAUSEWITZ, Carl von. On War. Oxford: Oxford United Press, 2007.



## III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

---

LOTRINGER, Sylvere; VIRILIO, Paul. **Guerra Pura**: a militarização do Cotidiano. Tradução de Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

QUIROGA, Tiago. Pensando a Episteme Comunicacional. 2. ed. Campina Grande: EDUEPD, 2013.

SODRÉ, Muniz. O Globalismo como neobarbárie. In. MORAES, Denis de (org). Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 21-40.

VIRILIO, Paul. Bunker Archeology. Tradução para o inglês de George Collins. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1994.

\_\_\_\_\_. La Inseguridad del Territorio. Tradução para o espanhol de Jorge Manuel Casas e Thierry Jean-Eric Iplicijian. Buenos Aires: La Marca, 1999.

\_\_\_\_\_. Velocidade e Política. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.